

O PROCESSO DE ESCRITURA DO TEXTO ACADÊMICO: O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

*Risoleide Rosa Freire de Oliveira**

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste ensaio, apresentamos os primeiros momentos de pesquisa que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação de Estudos da Linguagem, área de concentração em Lingüística Aplicada, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O estudo é sobre o processo de produção escrita de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) de graduação na área de comunicação social, mais especificamente a monografia, focalizada como um gênero discursivo. Apontamos, de modo incipiente, os pressupostos teórico-metodológicos de pesquisa que estão sendo trabalhados. Com base nos estudos enunciativos do Círculo de Bakhtin (1929-1979), investigamos como se manifestam as vozes alheias, observando como elas são mobilizadas pelo escrevente para reforçar/negar/sustentar autoridades, idéias, grupos, pontos de vista, ou seja, como ocorrem as relações dialógicas que se travam entre os autores utilizados como fonte no texto monográfico. Para tanto, professora-pesquisadora e alunos participam de oficinas, assim como de encontros entre apenas um/a aluno/a autor/a e professora-pesquisadora, para discussão do texto em construção. A proposta de pesquisa decorre de nossa prática pedagógica como orientadora e revisora de língua portuguesa de trabalhos de conclusão de curso, assim como da experiência em sala de aula, em revisão de textos diversos e de resultados de pesquisa anterior (Oliveira, 1998) sobre o discurso acadêmico escrito, mais especificamente dissertações de mestrado, em que analisamos estratégias de preservação de faces, estratégias argumentativas, pistas de contextualização, entre outras, com o objetivo de mostrar a interatividade bastante presente também nesse gênero do discurso acadêmico.

2. A TEORIA DOS GÊNEROS DO DISCURSO

Como se sabe, a noção de gênero, tradicionalmente utilizada na retórica e na literatura, passou a ser estudada com mais intensidade na década de 1950, a partir das idéias do Círculo de Bakhtin (1929-1979), sendo também discutida hoje por diversos estudiosos brasileiros, o que pode ser bem ilustrado, por exemplo, nos textos de Oliveira (1993, 2002), Brait (2001), Faraco (2003), Freitas (2003), entre tantos outros.

Para tratar de um gênero de discurso tão complexo quanto a escrita acadêmica, não poderíamos deixar de recorrer ao Círculo de Bakhtin, proponente de uma teoria que não se restringe ao estudo e análise da língua apenas como código para explicar os fenômenos lingüísticos, descartando a sua principal característica intrínseca: a natureza dialógica da linguagem. Assim sendo, nosso embasamento teórico tem as idéias bakhtinianas sobre os

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação de Estudos da Linguagem, área de concentração em Lingüística Aplicada, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora da Universidade Potiguar.

gêneros do discurso e o enunciado como unidade real de comunicação discursiva como mola mestra, uma vez que essa teoria da linguagem nos dá subsídios para uma análise mais profunda e real do objeto de estudo proposto, que não pode ser focado numa perspectiva restrita, observando apenas as relações lógicas presentes em um texto, mas sim como prática discursiva em que estão envolvidos sujeitos que trazem consigo experiências socioculturais as quais não podem ser descartadas, daí a proposta de estudo da instauração do outro através das várias vozes implícitas ou explícitas no texto, ou seja, das relações de sentido que se estabelecem entre enunciados, tendo como referência o todo da interação.

Ao chamar a atenção para os diversos gêneros do discurso orais e escritos, simples e complexos, Bakhtin explica que os gêneros secundários (complexos) se originam dos gêneros primários (simples) da comunicação discursiva. Para ele, o discurso cotidiano se molda em formas genéricas que o ser humano domina antes mesmo de começar a estudar as regras gramaticais. De acordo com o autor: “O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gêneros dos enunciados nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância [...] a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (Bakhtin, 1979, p. 264-265). Isso porque uma determinada função – científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana – e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um gênero, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico, elementos essenciais que se fundem indissolivelmente no todo do enunciado. Esclarece o autor:

Não deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado. [...] Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito). No processo de sua formação, eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples) que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata (Bakhtin, 1979, p. 263).

Com isso, Bakhtin quer dizer que os gêneros primários e secundários são interdependentes, pois durante o processo de formação dos gêneros discursivos, os gêneros secundários absorvem e transformam os gêneros primários de todos os tipos. Essa inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, o processo histórico de formação dos secundários do outro, é, para o autor, o que esclarece a natureza do enunciado e acima de tudo o complexo problema da correlação entre língua, ideologias e visões de mundo.

Em um processo de produção textual, há um ponto de fundamental importância: a relação entre o “querer-dizer” do autor e das diversas vozes que circulam. Como explica Faraco (2003), para Bakhtin, essas vozes podem funcionar de diferentes modos: umas como vozes de autoridade e outras como internamente persuasivas. As de autoridade, em seus variados tipos, são aquelas que interpelam, cobram reconhecimento e adesão incondicional. Apresentam-se como uma massa compacta, encapsulada, centrípeta, impermeável, resistente a bivocalizações, não podendo ser citadas em vão. Por outro lado, as vozes persuasivas são as que aparecem como uma entre tantas outras. Transitam, portanto, nas fronteiras, são

centrífugas, permeáveis às bivocalizações e hibridizações, abrindo-se continuamente para a mudança.

Para que as vozes alheias apareçam de modo persuasivo, faz-se necessário conceber a linguagem numa perspectiva dialógica, em que o autor trate do tema ou objeto de sentido levando em consideração o que já foi dito, seja para negar, seja para confirmar, e não apenas aderir incondicionalmente ao dito, sem qualquer avaliação.

A monografia, objeto de estudo desta pesquisa, assim como qualquer outro gênero, está associada a alguns parâmetros básicos, tais como: quem está falando, para quem, em que contexto comunicativo, qual o assunto e sua finalidade, ou seja, leva-se em conta a especificidade de uma determinada esfera da interação discursiva, das necessidades de uma temática, da constituição dos parceiros, entre outros. Aspectos que consideram as condições de produção em que o gênero é construído.

Entretanto, encontram-se em alguns trabalhos verdadeiras “colchas de retalhos”, ou seja, citações de autores, sem uma discussão entre eles, sem uma relação mais consistente com o tema escolhido para estudo. Isso ocorre com mais frequência nos trechos em que os alunos produzem a revisão da literatura e a fundamentação teórica do seu trabalho. A análise preliminar dos dados nos leva a constatar que esses problemas ocorrem, geralmente, pela falta de domínio de alguns mecanismos enunciativos, pela falta de reconhecimento e identificação das diversas vozes que circulam nos textos, com base em uma concepção de linguagem dialógica, além da compreensão do que sejam os gêneros do discurso e da ligação que há entre os gêneros primários e os secundários. Como esclarece Bakhtin (1979), mesmo muitas pessoas que conhecem bem uma língua não se sentem seguras em determinadas esferas da comunicação, e isso ocorre porque elas não dominam as formas específicas de determinado gênero, ou seja, por causa da inexperiência de dominar o repertório de cada gênero.

Para tentar solucionar o problema acima exposto, nossa proposta é fazer inicialmente oficinas sobre concepções de linguagem e gêneros do discurso, tanto com alunos quanto com professores-orientadores dos trabalhos de conclusão de curso. As outras oficinas serão apenas para os alunos. O propósito é analisar os projetos de TCC já elaborados e apontar os problemas encontrados com relação aos mecanismos enunciativos, mostrando como os alunos, enquanto produtores, manipulam, ou não, as vozes alheias no texto.

A apresentação da noção de enunciado como unidade da comunicação discursiva, para os alunos, em oficinas, também é necessária para a abordagem de linguagem enquanto prática adotada na pesquisa ora proposta. Isso porque todo texto acadêmico lida com enunciados concretos que se relacionam com as diferentes esferas da atividade e da comunicação verbais, o que mostra a relevância do estudo dos mecanismos enunciativos em tais textos. Tais estratégias enfatizam a coexistência, em qualquer situação comunicativa, de diversas vozes que não se fundem numa só consciência; ao contrário, essas vozes, na concepção bakhtiniana, são registradas diferentemente, gerando um dinamismo dialógico entre elas mesmas. Bakhtin (1979, p. 299) destaca o caráter dialógico do enunciado ao afirmar:

Cada enunciado isolado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. Ele tem limites precisos, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso (dos falantes), mas no âmbito desses limites o enunciado, como a mônada de Leibniz, reflete o processo do discurso, os enunciados do outro e, antes de tudo os elos precedentes da cadeia (às vezes os mais imediatos, e vez por outra até os mais distantes – os campos da comunicação cultural). O objeto do discurso

do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado, e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto, por assim dizer, já foi ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; nele se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões do mundo, correntes. O falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome ela primeira vez.

Para esclarecer a natureza dialógica do enunciado, o autor aponta suas peculiaridades constitutivas, a saber: a *alternância dos sujeitos do discurso*, que compõe o contexto do enunciado, transformando-o numa massa compacta rigorosamente circunscrita com relação a outros enunciados vinculados a ele, o que distingue o enunciado da sentença; o *acabamento ou conclusibilidade específica do enunciado*, que condiciona uma atitude responsiva ativa nos outros parceiros da comunicação; a *relação do enunciado com o próprio autor assim como com outros enunciados*, que o determinam e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica; a *orientação para o destinatário*, que é determinado pela área da atividade humana e da vida cotidiana a que se reporta um dado enunciado.

O acabamento ou conclusibilidade específica do enunciado, noção central para a pesquisa em desenvolvimento, é determinado por três fatores: (1º) o *tratamento exaustivo do objeto de sentido*, que varia profundamente conforme as esferas da comunicação verbal, podendo ser quase total em determinadas esferas (vida cotidiana, vida prática, vida militar, vida profissional) cujos gêneros do discurso são padronizados ao máximo e a criatividade é quase inexistente, mas em outras esferas criativas (em particular nas ciências), em compensação, o tratamento exaustivo será muito relativo – exatamente um mínimo de acabamento capaz de suscitar uma atitude responsiva; (2º) o *intuito definido pelo autor* (elemento *subjetivo* do enunciado), que determina o todo do enunciado: sua amplitude, suas fronteiras, ou seja, a escolha, como tal, do objeto com suas fronteiras (nas circunstâncias precisas da comunicação verbal e necessariamente em relação aos enunciados anteriores); (3º) *as formas estáveis do enunciado*, isto é, os gêneros do discurso. Para Bakhtin, o “querer-dizer” do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso que é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação discursiva, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, entre outros.

Essa característica básica de *acabamento* do enunciado é fundamental no entendimento dos discursos que circulam nas diversas esferas da atividade humana. Como esclarece Oliveira (2001, p. 166), “o acabamento é responsável por todas as operações do ‘querer-dizer’ do locutor, pelas relações deste mesmo enunciado com seu tema, com seu próprio enunciatador, com seu destinatário, e com o contexto de produção do enunciado. É o colocar em funcionamento o princípio de que o signo verbal emerge, varia, e dirige-se para o outro, determinando assim as escolhas das estratégias enunciativas”.

Nessa relação, portanto, os ouvintes/leitores não são sujeitos passivos, mas participantes ativos da comunicação. Daí um traço essencial do enunciado ser o fato de dirigir-se a alguém, o seu endereçamento, como diz Bakhtin (1979, p. 301):

À diferença das unidades significativas da língua – palavras e orações –, que são impessoais, de ninguém e a ninguém estão endereçadas, o

enunciado tem autor e destinatário. Esse destinatário pode ser um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural, pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo, os contemporâneos, os correligionários, os adversários e inimigos, o subordinado, o chefe, um inferior, um superior, uma pessoa íntima, um estranho, etc.; ele também pode ser um *outro* totalmente indefinido, não concretizado (em toda sorte de enunciados monológicos de tipo emocional). Todas essas modalidades e concepções do destinatário são determinadas pelo campo da atividade humana e da vida a que tal enunciado se refere. A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado – disto dependem tanto a composição, quanto, particularmente, o estilo do enunciado. Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero.

Ao enfatizar a figura do *destinatário* na interação verbal, o autor está mais uma vez demonstrando, através de sua concepção dialógica de linguagem, que não é possível haver comunicação real sem a visão de interlocutor como sujeito ativo, com suas visões de mundo e juízos de valor que, claro, interferem no enunciado produzido.

Na relação do enunciado com o próprio autor e com outros enunciados, o papel dos *ouvintes/leitores*, para os quais o enunciado se elabora, é, portanto, fundamental, uma vez que eles não são receptores passivos, mas participantes ativos da comunicação, daí o enunciado refletir os enunciados dos destinatários e, sobretudo, os elos anteriores que o determinam e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica. Claro que isso só é concebível se a linguagem for focalizada em uma perspectiva dialógica, cujos enunciados construídos são considerados complexos, polimorfos, multifacetados, elos imprescindíveis na cadeia da comunicação discursiva, em que as visões de mundo, a emoção, o juízo de valor, por exemplo, são coisas alheias à palavra isolada, e só surgem devido ao processo de sua utilização ativa no enunciado concreto.

A apresentação desses conceitos do Círculo de Bakhtin aos alunos que estão produzindo suas monografias se faz, portanto, necessária, porque – a partir do domínio e compreensão da linguagem como prática discursiva; do domínio dos mecanismos enunciativos que podem ser utilizados para a discussão das vozes que circulam no texto; do domínio de como se constrói a monografia como gênero discursivo do ponto de vista temático, composicional e estilístico, em que eles são também autores que concordam ou discordam e não apenas decodificam ou citam outros autores sem se posicionarem – com certeza eles se sentirão mais seguros no processo de escrita, ato complexo que requer compreensão da natureza dialógica da linguagem.

Além desses conceitos, trabalharemos também com os alunos a noção do gênero resumo, seguindo Schneuwly e Dolz (1999), para mostrar-lhes que nesse gênero escolar ou acadêmico, o "resumidor" revive, em seu resumo, a "dramatização discursiva" construída no texto a resumir, a partir de uma compreensão das diferentes vozes enunciativas que nele agem. Nessa concepção de resumo, os autores vão de encontro ao resumo institucional tão presente nas escolas, em que os alunos apenas "copiam" o que lêem. Com essa atividade, pretendemos mostrar aos alunos que o gênero resumo está muito presente, entrelaçado

mesmo, no gênero monografia, e que a atividade de resumir não se restringe a apenas citar *ipsis litteris* o que algum autor disse, sem discutir o dito, seja para concordar, seja para discordar.

Como bem diz Bakhtin (1979, p. 283-284), “Se os gêneros do discurso não existissem e se nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo de discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível. [...] Muitas pessoas que dominam magnificamente uma língua sentem amiúde total impotência em alguns campos da comunicação precisamente porque não dominam na prática as formas de gênero de dadas esferas”. Daí a importância de trazermos para discussão com os alunos a teoria dos gêneros do discurso, para que haja uma maior compreensão e domínio, na prática, do gênero monografia escolhido por eles mesmos.

3. A PESQUISA-AÇÃO

O universo da pesquisa constitui-se de um grupo de alunos de graduação em fase de conclusão do curso de jornalismo, que estão produzindo seus trabalhos acadêmicos; da professora-pesquisadora; dos professores-orientadores, todos da Universidade Potiguar, situada na cidade de Natal, estado do Rio Grande do Norte.

Em princípio, estão sendo analisados vinte projetos de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de alunos do curso de Comunicação Social, mais especificamente a parte referente à revisão da literatura e fundamentação teórica do trabalho. Dentre os TCC, há projetos de monografias, livros-reportagem, projetos experimentais, que são discutidos inicialmente em oficinas, tanto para alunos quanto para professores-orientadores, nas quais são apresentadas as teorias que subsidiam esta pesquisa, assim como análises de trechos dos projetos elaborados pelos alunos. Em seguida, serão analisadas somente as monografias, objeto de estudo da pesquisa, por serem produzidas por apenas um escrevente, o que facilita a discussão e acompanhamento do processo de escritura dos textos pela professora-pesquisadora nas diversas etapas.

Pretendemos, desse modo, dar continuidade ao trabalho desenvolvido anteriormente em sala de aula com esses alunos, através de atividades em que são discutidos os textos produzidos por eles, em grande grupo, ocasião em que cada aluno apresenta seu trabalho e nós apontamos problemas como falta de diálogo entre os autores citados no texto, entre os autores e o próprio autor, citações direta e indireta sem uma relação ou discussão com o que está sendo estudado, entre outros. A idéia é investigar, com tais procedimentos, se os graduandos concebem a linguagem enquanto prática discursiva, através da qual o autor confronta posições, dando colhida fervorosa ao enunciado do outro, confirmando-o ou rejeitando-o, buscando-lhe um sentido profundo, fecundo. Em suma, se eles estabelecem, com o enunciado do outro, relações de sentido que gerem significação responsiva a partir de posições avaliativas. Essas atividades preparam os alunos para compreenderem as diversas maneiras de enunciar que podem ser utilizadas em um texto escrito, assim como o ato de resumir, ou seja, para as oficinas sobre mecanismos enunciativos e sobre o gênero resumo, que estão planejadas para serem dadas a eles, já com base na análise preliminar dos projetos pela professora-pesquisadora.

Além disso, serão utilizadas como instrumento de pesquisa entrevistas com alunos e professores-orientadores envolvidos no processo de produção das monografias. Nessas entrevistas, pretendemos questioná-los a respeito de suas dificuldades tanto no ato de

escrever/orientar quanto na relação aluno/professor-orientador, o que pode contribuir tanto na análise do *corpus* da pesquisa quanto nas sugestões para uma transformação do processo de produção textual desse gênero acadêmico.

O percurso metodológico da pesquisa tem base interpretativista, haja vista que nessa perspectiva os múltiplos significados que constituem a realidade só são passíveis de interpretação, sendo o fator qualitativo e colaborativo que importa. A subjetividade, a intersubjetividade, os significados construídos, destruídos e reconstruídos pelos homens, na interação de uns com os outros, é o que interessa. Diante disso, o foco é colocado em aspectos processuais do mundo social em vez do foco em um produto padronizado, tendo a linguagem papel fundamental, uma vez que, como esclarece Moita Lopes (1994, p. 331):

A linguagem possibilita a construção do mundo social e é condição para que ele exista [...] Na posição interpretativista, não é possível ignorar a visão dos participantes do mundo social caso se pretenda investigá-lo, já que é esta que o determina: o mundo social é tomado como existindo na dependência do homem.

Nessa perspectiva, tanto o pesquisador quanto o pesquisado podem refletir, aprender e ressignificar-se no processo de pesquisa, o que faz com que se crie uma relação entre sujeitos possibilitada pela linguagem, tornando essa relação mais participativa.

Como já estamos desenvolvendo um trabalho interdisciplinar na universidade, através do qual procuramos sensibilizar os demais professores da concepção de linguagem enquanto prática discursiva, utilizamos a pesquisa-ação, para subsidiar o estudo, pois a partir dessa perspectiva de pesquisa é possível reforçar a “intercomunicação entre observadores e pessoas e grupos implicados na situação e também a restituição do papel ativo a todos os participantes que acompanham as diversas fases da pesquisa” (THIOLLENT, 1986, p. 23). Além disso, a pesquisa-ação é “uma proposta metodológica e técnica que oferece subsídios para organizar a pesquisa social aplicada sem os excessos da postura tradicional ao nível da observação, processamento de dados, experimentação, etc. Com ela se introduz uma maior flexibilidade na concepção e na aplicação dos meios de investigação concreta”, (op. cit., p. 24), o que está compatível com o meio escolhido para ser utilizado nesta pesquisa, isto é, as atividades de análise, discussão e escritura desenvolvidas nas oficinas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentamos neste ensaio, o gênero monografia está sendo focalizado a partir da teoria dos gêneros do discurso do Círculo de Bakhtin, porque acreditamos que as atividades desenvolvidas para a construção desse gênero acadêmico, como ler, interpretar, discutir, resumir, escrever, reconhecendo e dominando os diversos mecanismos enunciativos necessários, remetem para processos sócio-históricos de construção de sentido, o qual só pode ser concebido através de uma concepção de linguagem como processo de significação, portadora de valores. Assim sendo, a pesquisa não focaliza os aspectos estruturais do texto, mas os mecanismos enunciativos que os sujeitos podem utilizar no processo de escritura, seja para reconhecer, seja para antecipar pontos de vista defendidos por outros autores, o que faz com que se instaure uma relação dialógica entre as diversas vozes presentes no texto. Com isso, demonstramos aos alunos que as atividades de produção de texto escrito podem

ser vistas sob outra dimensão que não a estrutural. Que a linguagem verbal escrita não é apenas a representação do pensamento ou instrumento de comunicação, mas a manifestação de práticas discursivas intersubjetivas, que percorre diversos gêneros discursivos, ultrapassando as relações lógicas que se estabelecem no limite da palavra ou oração isoladas.

Parafraseando Bakhtin, mostrar que os gêneros do discurso acadêmico, assim como a réplica do diálogo, estão dispostos para a resposta do(s) outro(s), para a sua ativa compreensão responsiva, podendo assumir diferentes formas, que o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a algo, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, entre outras coisas.

Diante do exposto, acreditamos na relevância do estudo proposto haja vista uma certa carência de análises que focalizem realmente as relações dialógicas presentes no texto acadêmico escrito. As pesquisas realizadas, apesar de desenvolverem instigantes discussões teóricas, ao analisarem os dados, na maioria das vezes focalizam apenas elementos lingüísticos presentes no texto, deixando uma lacuna que necessita ser preenchida, o que justifica a pretensão de se estudar como se manifestam as vozes alheias e suas visões de mundo no discurso acadêmico, focalizando a monografia como gênero, em uma perspectiva efetivamente dialógica.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. [1929] **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- _____. [1979] **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRAIT, Beth (Org.). **Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas**. Campinas: Pontes; São Paulo: Fapesp, 2001.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar, 2003.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, M. T.; SOUZA, S.; KRAMER, S. (Orgs.) **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução**. DELTA, v. 10, n. 2, 1994.
- _____. **Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado das letras, 1996.
- OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. Apontamentos sobre a relação linguagem e ideologia: uma leitura de M. Bakhtin. **Vivência**, v.7, n.1, p. 63-70, 1993.
- _____. Relações dialógicas, vozes, instauração do outro e o ensino da produção textual. **Boletim da ABRALIN**, v. 26, 2001.
- _____. Bakhtin e a cultura contemporânea: sinalizações para a pesquisa em Lingüística Aplicada. **Revista da ANPOLL**, n.13. 2002, p. 105-122.
- OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. **Estratégias interativas em dissertações de mestrado**. Natal: UFRN, 1998. (Dissertação de Mestrado).
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. **Revista Brasileira de Educação**, [S.l.], n. 11, p. 5-11, mai./jun./jul./ago., 1999.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.